

INTRODUÇÃO - COMPROMISSO COM OS COMUNS, COM NÓS MESMOS, COM A VIDA: E.P. THOMPSON ENTRE O FIM DOS TEMPOS E OUTRAS HISTÓRIAS

Edmilson Alves Maia Junior

Professor da FECLESC-UECE. Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordenador do Projeto de Extensão "Fontes Históricas da Ditadura", do Curso de História da FECLESC/UECE e Coordenador do Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras - o MIHL vinculado ao Programa de Pós-Graduação da FECLESC-UECE.

E-mail: edmilson.junior@uece.br

**INTRODUÇÃO - COMPROMISSO COM OS COMUNS, COM NÓS MESMOS, COM
A VIDA: E.P. THOMPSON ENTRE O FIM DOS TEMPOS E OUTRAS HISTÓRIAS**

**INTRODUCTION - COMMITMENT TO THE COMMONS, TO OURSELVES, TO
LIFE: E.P. THOMPSON BETWEEN THE END OF TIME AND OTHER STORIES**

Edmilson Alves Maia Junior

RESUMO

Texto introdutório ao dossiê com avaliação geral das perspectivas e dos escritos.

PALAVRAS-CHAVE: Introdução. Dossiê. Thompson.

ABSTRACT

Introductory text to the dossier with a general assessment of the perspectives and writings.

KEY WORDS: Introduction. Dossier. Thompson.

“O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente àquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (BENJAMIN, 1987, p. 224-225)

Comecemos... Mas como? Comecemos pelo que sentimos, vivemos pelo que calou em nós, pelo que despertou “centelhas de esperança” após a leitura do material aqui presente. Confessemos que introduzir os textos organizados para essa edição de **Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**, um Dossiê acerca de Edward Palmer Thompson no seu centenário de nascimento de 2024, foi entrar em contato com pessoas e temporalizações costuradas diante de dilemas de destruição iminentes, diferentes lugares sociais experimentados, em meio a horrores e sonhos. Foi ter a honra de ser convidado para comentar o que amamos tanto e escolhemos face a medos e esperanças.

Foi, principalmente, conversar com agências do tempo por pessoas afetadas, compreendidas a partir das influências e inquietações teórico-metodológicas, portanto políticas, de E.P Thompson sobre nós, nosso tempo em suas leituras do pretérito, prospecções do futuro, transformações do agora. Dialogamos com quem dialoga com ele para ações e percepções, vivências e efeitos do tempo histórico-social. Como se colocaram em suas experiências e espaços de atuação diante dessas influências e inquietações nas veredas e paredões dos tempos vividos, suas intenções, pressões, tensões, paixões, dificuldades, dilemas, motivações, dilacerações impostas, reconhecidas e enfrentadas. Como se apropriaram da figura e obra do historiador inglês em função de seus projetos, definiram posições no campo historiográfico, acadêmico, da esfera pública, das disputas políticas. Como elaboraram um dossiê concebido em meio a condições concretas e, por isso, imaginárias imaginadas nas contendas de desejos e tendas de solidariedades.

Nessa narrativa densa, cheia de expectativas e esperanças, multifacetada e, ao mesmo tempo, articulada, estamos em comunhão, para celebrar e questionar o que há. Estamos aqui presentes por Edward Thompson. Em pelejas e itinerários de luta, estamos aqui “tal qual o peixe nada, mas sem controlar as correntes e as ondas” (THOMPSON, 2025) e, por isso mesmo, não paramos de nadar em busca de novas águas cheias de vida e liberdades possíveis em construção *versus* os mares poluídos, rios e lagoas assoreados, açudes privados que destroem o bem comum.

Sim, estamos aqui por Edward Thompson. E, também por isso, estamos aqui por muito além. Estamos aqui por nós e ele, e muitas, incontáveis pessoas: pelo que podemos

oferecer de melhor uns ao outros no debate do papel social do conhecimento. Nessas atividades sobre o centenário dele e em homenagens que, na verdade, são tributos à rebeldia, as sensibilidades e a erudição que salta, ou derruba, muros, ao conhecimento crítico e a cada um, cada uma que batalha cotidianamente. Estamos aqui por nós em relação a todo o resto de uma vida justa e em comunidades, para (re) encontrar trilhas e passos, aprender sobre várias resistências e experiências de viver o tempo em conflito e mundos distintos.

Os sete textos aqui presentes, de profissionais da educação básica articulando pesquisa e ensino com alta capacidade analítica e compromisso político, nos levaram a terras desconhecidas que adotamos um pouco como nossas. Pavimentos para travessias foram concebidos. Compuseram uma sinfonia de homenagem ao autor, suas ideias e contendas. Artigos destinados a quem foi, é e será capaz de articular e pensar o mundo com ele: Thompson. Inclusive com dois textos do próprio autor aqui traduzidos. O dossiê estruturado para inquietar os que conversam e querem conhecer a E. P. Thompson. Em tributo à capacidade de se mobilizar, articular, em defesa de um caldeirão de pensamento crítico, fervente!

E começamos bem com o primeiro texto: *Os comuns, o passado e o futuro*, de José Romário Rodrigues Bastos. Com perspicácia, estimula novos olhares sobre o comum a partir dos estudos thompsonianos e nos situam entre os tempos na procura por agir historicamente de forma comprometida, sem separar interpretar de atuar, em defesa do comum enquanto emancipação dos indivíduos, suas potencializações, em construção pública e coletiva, necessariamente dialógica:

Afinal, para onde se dirigiam os olhos desse intelectual ao escrever *Costumes em comum* senão para o passado das experiências comunais, enquanto os ventos da vitória do Ocidente capitalista – também denominados "progresso" – o arrastavam a contragosto para o tão propalado fim da história? (BASTOS, 2025)

O artigo nos provoca sobre os sentidos do comum nos tempos de hoje e, portanto, de seus derivativos: o comunitário, as comunidades, o bem comum – tão citados no tempo presente e, muitas vezes, vilipendiados, sempre em embates... E fazem com que entendamos que essa coletânea, esse texto de Bastos, visa a situar nossos interesses para além das devidas e merecidas homenagens, entendendo que a maior homenagem é o debate de sua obra com a percepção de que estamos disputando o tempo, em injeções do ontem,

hoje e amanhã. Que olhemos para a História como complicação de demandas e litígios em aberto. Daí a atualidade do comum, seus derivativos, suas manifestações, em pelejas pelos itinerários do tempo e suas designações. Por isso,

refletir sobre E. P. Thompson como um teórico da angústia e do entusiasmo: angústia diante da marcha do "progresso" ultraliberal, entusiasmo diante da possibilidade de encontrar, no passado, experiências comuns que sirvam de combustível utópico para novas explosões de insubordinação no presente. (BASTOS, 2025)

Pois trata-se de frisar a abordagem do comum, melhor dizer das abordagens e personificações diversas do comum, como formas de compreender que a História é feita pelos sujeitos que se amarraram e podem se livrar. Podemos compreender tais prisões e caminhos de fuga na medida em que estudar o comum não pode ser prever, nem teorizar no vazio, e sim, dialogar com a vida enquanto imprevisível, improvisada, interpretada, tanto em seu estudo como nas demais experiências do viver. Por isso a

insistência em afirmar que não existe a forma ideal de organização popular, nem a modalidade exata de consciência popular a ser estimulada de cima para baixo, muito menos uma classe revolucionária homogênea, única portadora da verdade universal. (BASTOS, 2025)

Está em jogo que nossa época é resultado, igualmente, de esperanças no estudo do comum e de suas possibilidades em rede, em embates singulares, mas articulados contra o tempo do progresso: “a ideia de um progresso da humanidade na História é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo” uma vez que “a crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha” (BENJAMIN, 1987, p. 229). Marcha que sufoca, idealiza, massacra as faces do comum que nunca deixa de se manifestar. Defendemos e interpretamos, aprendemos com o comum porque “a História é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. (BENJAMIN, 1987, p. 229)

Em seu artigo, o autor, a partir dos comuns, assinala que nós, os comuns, os que foram, quem é, os que virão, podemos perceber e tecer a articulação contra o tempo

homogêneo, em busca de projetos de temporalizações. A partir dos “agoras”, experiências que rompem o tempo com possíveis articulações e contatos, rotas inesperadas,

compreender a luta pelo comum não apenas como resistências localizadas, mas como uma possível causa global que se interpõe ao avanço do capitalismo selvagem, assim como ao do autoritarismo estatal e às consequências humanas e ambientais que decorrem de ambos. (BASTOS, 2025)

O autor age no tempo presente a todo instante no sentido de que os comuns há muito, batalham, e, mesmo quando derrotados, continuam a influenciar, furam a parede do conformismo. Deixam marcas, resíduos, pegadas rastreáveis por outras histórias, outras trilhas. Percebem, como diz Walter Benjamin, que

Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, fomos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. (BENJAMIN, 1987, p. 223)

O artigo instiga a refletir que, no centenário do autor inglês e provavelmente pelo tempo que necessário for:

Thompson desenha, portanto, o processo global da expropriação capitalista em constante tensão com os modos de vida comunais, em defesa dos quais existiram incontáveis atos de resistência, rebelião e mesmo adesão a movimentos revolucionários. (BASTOS, 2025)

E é com isso que um projeto dos comuns em relação a desejos e lutas contra as diversas explorações, em um futuro em comum, só pode ser engendrado pelos comuns, o que não é homogêneo como tempo do progresso, nem como a experiência estalinista:

A perspectiva de Thompson, de visualizar lutas globais, onde o comum se defronta com o capital em suas formas mais radicalizadas e destrutivas, não nos conduz, todavia, a uma teorização normatizada e global do comum que possa resolver todos os problemas da humanidade com uma receita generalizável. (BASTOS, 2025)

Por isso não é qualquer futuro que interessa aos comuns. Interessa viver utopia coletiva, vista nem como impossível de gerar, muito menos como mero possível arbitrário e definitivo, determinado. Interessa que os comuns concebam o mundo discutindo, se apoiando e, obviamente, nos enfrentamentos contra as explorações, preconceitos, contra os “demônios que destroem o poder bravio da humanidade” (*Monólogo ao pé do ouvido* - SCIENCE, 1995), no dizer de um outro poeta, também ele um pensador do comum e suas artimanhas e viços e que convocou “Que me organizando posso desorganizar. Que eu desorganizando posso me organizar”. (*Da Lama ao Caos* - SCIENCE, 1995).

Interessa que percebamos e conversemos com o comum enquanto autorregulação ajuizada, engendrada, modificada permanentemente em prol e pelo comum:

Enquanto institucionalização, a preocupação de E. P. Thompson parece sempre girar em torno das disciplinas de autorregulação do comum, pois defende categoricamente que o comum não é algo disponível ao abuso de todos, mas uma relação de usufruto que demanda disciplinas de cuidado e preservação, afinal, o que era de usufruto coletivo não podia ser espezinado. (BASTOS,, 2025)

E que nos diz que interpretar o tempo vivido dos comuns para alterar outros tempos vividos é atentar para suas lógicas de constituição, e assim também nossas lógicas: “Temos, aqui, uma das lições metodológicas de Thompson que nos parecem mais marcantes: a atenção e o cuidado de saber ler os códigos que regulam o comum, muitos deles advindos da tradição e do costume”. (BASTOS, 2025) Atentar para as lógicas de ações, entre os tempos, nos variados tempos, em visões do ontem e amanhã, no presente, em contendias e negociações. É por essa razão, então, que o futuro dos comuns deve ser necessariamente fruto dos comuns e, por isso, imprevisível e improvisado:

Desse modo, ao invés de sumarizar um roteiro para a revolução no século XXI, Thompson nos convida a imaginar que papel o comum pode cumprir nas lutas desse século, seja em resistências locais, em reformas pontuais, em lutas nacionais ou mesmo, quem sabe, em um processo revolucionário globalizante. Esse passo adiante, porém, fica como encargo dos leitores, convidados a ler e reler esse autor em busca de novos ângulos de visão a serem lançados sobre nosso século. Nada mais apropriado ao centenário do autor, portanto, que um convite a esse trabalho de leitura, releitura e ressignificação de sua produção. (BASTOS, 2025)

E, no bom espírito de toda a publicação que estamos a fazer parte, da sua razão de ser, com inquietações sobre como chegamos aqui e que caminhos continuam em aberto sem sabermos, e com rumos a serem abertos e/ou restaurados. Devemos, então, compreender que temos posicionamentos no rigor metodológico, perspectivas teóricas, que existem projetos políticos de conhecimento, e militância em linhas de ação, posto que “as perspectivas historiográficas mudam, e Thompson sabia disso, conforme mudam as demandas do presente”. (BASTOS, 2025)

Falamos das ideias e abordagens como práticas profissionais e políticas, entendendo que arguimos o real em busca de estradas para outras histórias e sociedade contra o fim dos tempos como fetiche mercantilizado. Um fim da história comercializado, seja como juízo final inebriante ou abismo paralisante, como última parada do itinerário. Daqueles que vendem o progresso a cada tipo de atualização, um dito engajamento e frenéticas visualizações.

Interpretar os comuns é se colocar no mundo como sujeito político, e, no nosso caso, duas vezes, que se combinam, como historiadores e atores da História, na reflexão, na agência do bem comum contra o vazio consumista ou a presunção niilista:

Sendo assim, diante do dilema recente entre o privatismo total e sua tendência exterminista versus o comum, por que não pensarmos em uma "história do ponto de vista dos comuns" que recupere historicamente a viabilidade do comum enquanto anteparo às ambições desmedidas do tão propalado "mercado"? (BASTOS, 2025)

Os autores Rodrigo Cavalcante de Almeida e Saulo Cordeiro Leite Julião, no artigo seguinte, continuam a comentar o papel da História no tempo presente e as contribuições de Thompson com o texto sobre o historiador britânico e o filósofo Roy Bhaskar: *Realismo Crítico e História - Ensaio sobre as convergências entre E. P. Thompson e Roy Bhaskar*, com percepções centrais para estabelecer convergências entre os autores, tendo em vista que o pensar filosoficamente não é uma abstração descolada da vida concreta, e que Thompson argumentava, a partir desse ponto de vista, uma postura diante de fatos e evidências do real, que são elementos de projetos e batalhas concebendo o tempo histórico nas e através das experiências:

É fundamental notar que, em comparação a Bhaskar, E. P. Thompson não era filósofo de formação, mas historiador, o que, ao nosso ver, faz ressaltar ainda mais

sua rara capacidade de adentrar debates geralmente monopolizados pelo discurso filosófico. (ALMEIDA; JULIÃO, 2025)

Dessa forma, Almeida e Julião destacam, na interlocução com os dois autores, que observar o real não é uma abstração solta no ar, fora das temporalidades tecidas e apreendidas pelas experiências que sofrem e criam dados efeitos do tempo socialmente construído. Instigam que conhecer é reconhecer lacunas e escolhas dessas tessituras, sendo que, nem por isso, caímos numa abstração fora das vidas e situações concretas. Ao contrário, a todo o tempo, estamos interpretando dadas configurações e suas nuances, condições. Estudamos justamente porque foram, bem como podem ser, de uma dada forma, e não de outras, por conta dos choques e interesses socio-historicamente vividos:

Para Thompson, portanto, assim como para Bhaskar, não parece justificável que se diminua o grau de realidade do passado devido a este ser acessível apenas por evidências "incompletas e imperfeitas", afinal, o próprio presente também só é acessível de modo incompleto e imperfeito ou, como preferia Bhaskar, levando em consideração os amplos aspectos ausentes de sua realidade. Existe, para Thompson, no mínimo, uma distinção de camadas do real entre passado e presente, haja vista que o presente ainda lhe parece guardar um quê de mais experimentável; nada, contudo, que justifique uma superioridade ontológica em face do passado. Bhaskar acreditava que valores, como justiça social e empatia, exerciam pressão modificadora sobre as condições sociais, tencionando-as em prol de melhor distribuição de riquezas ou de aperfeiçoamento dos laços sociais e das capacidades colaborativas. (ALMEIDA; JULIÃO, 2025)

Ao comentarem essa relação, reinvidicam o estudo de Thompson sobre um outro autor, Christopher Caudwell, para pontuarem que é essencial sofisticar o olhar para as faces do real como não naturais, posto que simbólicas e condicionadas em dominação e agir, com pressões sendo condicionantes, todavia transitórias, uma vez que as negociações, pelejas assim o fazem, bem como as as próprias renovações das formas de dominação.

A totalidade é mudança, por isso, pela ativação de diversas forças em conflito e em ebulição, mesmo que aparentemente silenciosa. Ingredientes, como o amor entendido como

concretude, já que é experiência em sua estrutura e sua mobilização, sua aparição e transmutação diante de motivações, condicionamentos, sensibilidades e experimentações:

Thompson, novamente, preocupa-se, através do diálogo com Caudwell, em vincular o amor à totalidade social aberta e às lutas por uma utopia concreta. Nesse sentido, o amor é dialeticamente condicionado por outras forças sociais de modo que "a sociedade, girando como gira, faz do amor o que ele é"; sendo assim, Caudwell e Thompson buscam evitar cair no puro voluntarismo ou no idealismo, mas a contrapartida dialética reinstaura o amor como força material motriz das transformações sociais, afinal "o amor faz o mundo girar" e "a sociedade é a produção econômica mesclada com o amor". Nesse sentido, o amor possui tanta realidade e concretude quanto o salário ou a produção artesanal ou fabril; não existe menosprezo ontológico dos afetos, nem isolamento dos afetos como forças místicas que nos guiam distante de qualquer implicação material. (ALMEIDA; JULIÃO, 2025)

Assim, os autores do artigo se preocupam em apresentar como o real é complexo, se impõe e é imposto, e é, ao mesmo tempo, reiventado e, assim, é elocubrado pelo filósofo, por isso balizam suas interpretações com pressupostos de Thompson:

Acompanhando essa argumentação, nos parece claro que uma das preocupações centrais do filósofo inglês gira em torno de não sacrificar a complexidade da realidade, uma vez que, ao reduzir a ontologia à epistemologia, as correntes de pensamento que o fazem acabam por cair em uma "ontologia implícita" que subtrai o caráter real do passado e dos futuros-possíveis, bem como o caráter real da lógica ou do caos da natureza, instaurando uma percepção do real reduzida que se encerra no domínio dos dados atuais, na vã esperança de que estes sejam menos fugidios e móveis que as demais camadas do real. (ALMEIDA; JULIÃO, 2025)

Nesse sentido, a definição do que é o conhecimento e seu papel social toma o primeiro plano no artigo de Almeida e Julião:

Para Bhaskar, portanto, um aspecto central para a não redução da complexidade da realidade é a capacidade do conhecimento de incorporar a tensão entre não identidade e totalidade; qualquer epistemologia que deixe escapar essa relação

aventurar-se-ia em empreitadas reducionistas, seja do singular ao todo ou do todo em relação ao singular. (ALMEIDA; JULIÃO, 2025)

Almeida e Julião apreendem e refletem que essas considerações e suas convergências entre Thompson e Bhaskar indicam um (auto) conhecimento sobre práticas de investigação e seus significados políticos, enquanto simbolicamente em efervescência, ao vislumbrarem fenômenos concretos que modificam quem observa. Atinam para que ponderemos as diferenças entre epistemologia e ontologia para o entendimento que o conhecimento e o real não são espelhados, e sim, dinâmicas das ações humanas em tecer a vida social, com perspectivas igualmente realistas: interpretar é parte da vida social e suas vicissitudes. Elas interessam na medida em que aspectos da historicidade podem ser estudados de forma sólida, mas não definitiva, em tensão criativa, que o “ser” igualmente não se reduz, nem nunca se reduzirá a uma apreensão do saber que, por sua vez, é intrinsecamente ligado ao “ser”, o ajuda, inclusive, a “ser”, porém é inscontante na constância e permanente na mutação:

Daí que os dois autores também se preocupem em desenvolver essa teoria realista em duas direções: uma ontológica e outra epistemológica. Essas duas direções se cruzam; contudo, não devem ser confundidas, afinal, se epistemologia e ontologia se confundissem plenamente, teríamos um estado de verdade absoluta, talvez mesmo um regime de verdade totalitário, o que ambos os pensadores rejeitam tenazmente. (ALMEIDA; JULIÃO, 2025)

Nesse sentido, a percepção temporal em Thompson e Bhaskar se aproxima porque fogem do reducionismo e pesquisam o agir histórico entre singularidades e totalizações que, na verdade, se interpenetram e se apresentam em interação e sempre a partir do agir no tempo, sofrendo efeitos condicionados pelos agires outros e interferindo em seus próprios agires. O conhecimento, então, participa dessa ciranda do tempo, ciranda das ações humanas no e sobre o tempo, e tenta ser prática de pensar as práticas, entre singularidades e totalizações:

Parece, portanto, haver significativa convergência entre Thompson e Bhaskar no que tange à centralidade das noções de totalidade e de singularidade, sem as quais qualquer reflexão teórica ou exercício de método parece recair nos erros do reducionismo. (ALMEIDA; JULIÃO, 2025)

Almeida e Julião redigiram o artigo com provocações preciosas para evitar a abstração de se ver o conhecimento como descolado do real ou vulgarizado como seu reflexo neutro. Relacionando Thompson e Bhaskar, os autores mobilizaram sentidos do conhecimento para os dois autores postos em interlocução e para sedimentar a pesquisa e teoria como diálogo permanente e que uma alimenta e deriva da outra em círculo virtuoso:

Dessa antecipação de possíveis críticas, podemos escavar uma abertura que denuncia o caráter também provisório de nossas próprias reflexões: Thompson, tendo rejeitado tão acidamente as abstrações de Althusser, aprovaria a linguagem de alto teor de abstração de Bhaskar? Provisoriamente, acreditamos que sim, haja vista sua defesa da linguagem abstrata e ambígua de Caudwell, ou sua posterior inclinação para o não menos ambíguo e abstrato William Blake. Thompson não nos parece avesso à abstração; apenas é contrário à abstração absolutizante ou à abstração que se julgue tão verdadeira que abra mão da comprovação empírica. (ALMEIDA; JULIÃO, 2025)

Almeida e Julião desafiam-nos para pensarmos que obstáculos continuam intensamente no estudo do que é ciência, epistemologia, totalidade. Singularidades, escalas e conflitos são aspectos do real e não perfumaria do conhecimento, interessam pelos seus significados políticos e suas articulações com a vida.

O dossiê prossegue, então, em meio a esse rol de contribuições dialógicas da figura e obra de Thompson, com a autora Nágila Maia de Moraes Galvão e o seu texto: *Experiência e Educação Libertadora: Contribuições de E. P. Thompson e Paulo Freire para o Ensino de História*. Seguimos o colóquio sobre relações entre intelectuais e como tais interlocuções são necessárias quando se coadunam em propostas criativas e olhares agudos sobre o mundo e suas possíveis transformações, para fundamentais aprendizados:

a compreensão das suas experiências, geradas na vida material para o entendimento da organização social e do sentido da história dos mesmos, os quais devem ser considerados sujeitos históricos. Sendo esse um dos pontos de interseção entre o pensamento do historiador e educador de E. P. Thompson e o educador Paulo Freire. (GALVÃO, 2025)

Avançamos no entendimento da compreensão mútua e perspectiva dialógica, com o desempenho da educação e da História destacados obrigatoriamente a partir das condições concretas das salas de aula, culturas escolares, percursos pedagógicos, a partir dos sujeitos históricos envolvidos nesses espaços e configurações sociais:

O Trajeto indicado por Paulo Freire para que o homem não se perca na massificação, ou seja, nas ideias de senso comum, é que a educação o leve a ter a liberdade para dialogar e problematizar e se compreender no mundo, conquistado a autonomia. Trilhando nesse mesmo caminho, Thompson afirma que um dos grandes desafios do professor é a luta constante contra as tentativas de moldar o aluno a um determinado tipo de comportamento. (GALVÃO, 2025)

As experiências consideradas, em ambos, a partir de se autoconhecerem em suas trajetórias e lidas diárias. Em suas vivências e caminhos em comum, compartilhadas. A educação como palco de diferenças e adversidades refletidas coletivamente, indagação de nossas estradas e escolhas, como autolibertação, tanto em Freire, como em Thompson:

A análise realizada ao longo deste trabalho evidenciou que o ensino de História, quando orientado pelos princípios da História vista de baixo, defendida por E. P. Thompson, e pela pedagogia libertadora de Paulo Freire, assume papel central na formação de sujeitos críticos, conscientes e atuantes. Ao reconhecer a importância das experiências concretas dos indivíduos e a pluralidade dos sujeitos históricos, a prática pedagógica se afasta do modelo tradicional e elitista, ampliando a compreensão do passado e sua relação com o presente e o futuro. (GALVÃO, 2025)

A organização do dossiê, portanto, nos brindou com essas ligações de Thompson suas peculiaridades e atitudes teórico-metodológicas, na constituição do seu olhar vislumbrado entre conversas. Algo aprofundado sublimemente no texto *Brothers in Arms: Frank e Edward Thompson*. Um artigo escrito por Raul Victor Vieira Ávila de Agrela e no qual temos uma rede, essa sim “social”, em torno do autor inglês, envolvendo, inclusive, a tradução de narrativas cadentes, sobre os manos e a família Thompson entre as guerras e além.

Sobre o papel da poesia e de um circuito de comunicações da época com cartas e subjetividades expressando tradições de dissidências e oposições, identificando opressões atualizadas ou inéditas nas primeiras décadas do século XX. Os irmãos defendendo o futuro diante de tais forças destruidoras. Temos como os dois “brothers” se percebiam e se colocavam, percebiam suas linhagens e suas escolhas políticas para o embate com o nazi-

fascismo; a crise do liberalismo do entreguerras, como definiam suas militâncias e alternativas.

E com a poesia tendo um lugar central nessa comunicação, como em um dos trechos de uma narrativa do Thompson mais jovem, muito provavelmente inspirado nas escolhas decisivas e pungentes do irmão mais velho. Aos 17 anos, Edward Thompson escreveu, ao que tudo indica, para o mano inspirador, àquela altura na frente de batalha:

Cambaleando entre bancos de juncos, você lamenta seu triste desterro, como três cachos na face da menina ou uma espiral solitária da turfeira, o pulsante salmão, nadadeiras reluzentes, você espalha sinais, como plumas de ermos curtidos pelo tempo, o agudo assobio do vento... (THOMPSON *apud* AGRELA, 2025)

Repitamos que, nessa coletânea para Bilros, Thompson foi localizado com outrem, com outros, dialogicamente. Uma interessante estratégia dos organizadores do Dossiê. Tivemos até agora: Thompson e os comuns, com uma temática, em uma perspectiva relacional. E, ainda mais, tivemos, diretamente, Thompson em relação a três pensadores: Thompson e Roy Bhaskar; Thompson e Paulo Freire; Thompson e o irmão, Frank.

Pois bem! Eis que agora é o próprio E. P. Thompson estabelecendo conexões historiográficas, decidindo suas relações. Indo por entre jardins do conhecimento enquanto práticas de investigação e sementes/frutos de inquietações necessárias sobre as dinâmicas e relações do mundo, incluso aqui sobre disputas de formas de ver e viver o mundo. Apresentando quem foi, suas escolhas, agitações, enquanto fermento para o agir.

Thompson aparece, agora, com sua voz, objetivamente, em suas preocupações e vislumbres sobre seu tempo e contradições, possibilidades, que ecoam entre nós em nosso tempo. Em algumas de suas preocupações e ensaios que alimentam nossas inquietações. Descontinuidades e continuidades se colocam para atizar o pensamento crítico e intervenção política dentro e fora dos campos acadêmicos e escolares combinando espaços e desconstruindo barreiras. Sugerimos que aparecem, nos dois textos de Thompson presentes no dossiê, algo de suas atitudes e impressões em ser quem foi, como e pelo que lutou.

O primeiro chama-se *Christopher Caudwell*, traduzido pelos historiadores Rodrigo Cavalcante de Almeida e Saulo Cordeiro Leite Julião, e trata de um pensador no mínimo curioso, peculiar, com uma obra produzida nos anos 1930, em um texto justamente com o título desse pensador. O que já nos suscita a indagar o porquê dessa narrativa existir e o porquê que esse texto está aqui entre nós nesse momento.

As respostas variam, mas ambas se comunicam em direções densas e pertinentes. Fazem pensar. Ambas as respostas sobre os porquês desse texto de Thompson sobre Christopher Caudwell relacionam-se intensamente a muitas interpretações possíveis sobre seus significados para Thompson e sua obra. Vejamos!

Thompson, sobre Christopher Caudwell, trata das ousadas abordagens entre fronteiras disciplinares para esmiuçar facetas e mecanismos do real, como Caudwell se inseriu em análises da História e cultura de forma inusitada e eclética, até iconoclasta; como indagou ciência e arte, questionando limites; versou sobre as relações e definições de objetividade e subjetividade. Tudo isso com Christopher Caudwell arrazoando o Marxismo como campo de estudos fértil e discutindo infraestrutura e superestrutura; ser social e consciência social, com destaque para o conceito de ideologia em processualidade:

A dissociação entre “ciência” e “arte” era, na visão de Caudwell, um sintoma primordial da crise na cultura burguesa. De fato, ele argumentou que esta cultura poderia estar morrendo por sua incapacidade de sintetizar em qualquer lugar filosófico uma visão de mundo unitária. (THOMPSON, 2025)

Ou ainda:

Tentar trabalhar sobre “toda a herança do conhecimento humano” seria cair em uma missão tola se não supuséssemos que existem algumas estruturas ou qualidades unificadoras a serem encontradas nessa herança. Caudwell supôs que estas fossem epistemológicas e ideológicas. Ele estudava o pensamento, menos em seus produtos do que em seu processo. (THOMPSON, 2025)

Para Thompson, na Inglaterra, quando escreveu o texto, e, para nós, nos 2020, em nossas searas, temos que o olhar de Caudwell é instigante no estudo e mudança, uma vez que: “ele se observava enquanto pensava. Ele se observava enquanto amava. Ele até observava o amor enquanto amava”. E sendo que “atualmente, esse mundo comum se torna tão complexo e distante da vida social concreta quanto o mercado, do qual sua vida secreta e forças criativas desconhecidas são a contrapartida”. (THOMPSON, 2025). No texto sobre Caudwell, interpretamos o que despertou em Thompson, do que era, quando escreveu tal análise, do que podemos pensar, atualmente, características de tal pensador na tradição marxista, suas repercussões desse acerto de contas thompsoniano sobre certas inflexões:

Este é o mundo sombrio do pensamento ou ideologia. É o reflexo do mundo real na mente dos homens. É sempre e necessariamente apenas simbólico do mundo real. É sempre e necessariamente um reflexo que tem uma relação ativa e significativa com o objeto, e é essa atividade e significância, e não as qualidades projetivas do reflexo, que garantem sua verdade. (CAUDWELL *apud* THOMPSON, 2025)

Assim, Thompson, com esse autor, nos provoca sobre os sentidos da ciência e como Christopher Caudwell foi capaz, em sua época, de pensar a objetividade em termos complexos e contrários ao pensamento dominante e que continua a nos assombrar em termos de uma neutralidade enganosa: “Lembrando que a principal acusação de Caudwell contra o positivismo é que ele reduz a consciência a um reflexo passivo do mundo, “uma cópia pálida da prática existente” (THOMPSON, 2025). Assim, ele indagava e encarava seu mundo: “Caudwell tinha uma maneira de se virar, em meio a uma confusão de termos.” E “o que foi salvo, em meio a essa confusão, não foi desprezível; foi um senso da nobreza e importância da poesia entre as artes”. (THOMPSON, 2025)

Christopher Caudwell atentou para a cultura como fundamental a ser investigada, sem deixar de buscar uma sofisticação de medidas e enxergar o ser social e a consciência social em dialética com o fator decisivo da ideologia entre eles. Isso visando a um campo de estudos interdisciplinares, primando por variadas miras em análise sobre contextos e processos. Bagunçando fronteiras por suas preocupações diante de silêncios e ênfases de sua época, questionando ilusões tão arraigadas:

Mas esse idealismo de época, eu argumentaria, é um vício que acompanha virtudes significativas. Sugerir anteriormente que Caudwell deveria ser visto como um anatomista da ideologia. Ele se preocupou centralmente em toda a sua obra com a ideologia e, acima de tudo, com sua própria *lógica* autêntica. Se ele estava errado ao conceder autonomia a essa lógica – uma ideia que se impõe à História –, não estava errado ao identificar essa lógica como um elemento autêntico dentro do processo social. Ele estava preocupado com a característica “ilusão da época” – a “estrutura profunda” do mito; a geração de modos de automistificação intelectual. (THOMPSON, 2025)

O autor sofisticava o olhar sobre a materialidade do mundo, dissecando o que constituía de forma mais ampla tal dimensão:

A miséria do mundo é econômica, mas isso não significa que seja dinheiro. Isso é um erro burguês. Justamente por serem econômicas, elas envolvem os sentimentos mais ternos e valorizados do homem social. (CAUDWELL *apud* THOMPSON, 2025)

Caudwell estava vivendo e interpretando seu tempo, dilemas, e, para isso, perguntava, fundia rotas e trechos, com todos os riscos derivados. Daí, provavelmente, o encanto, a atenção de Thompson por ele, como essa prestação de contas, um tributo à indignação crítica, uma curiosidade profícua. Tributo a uma atitude e pensamento entregues à desmistificação e ao senso analítico. Considerações de Caudwell em direção à sociedade e aos guardiões de saberes institucionalizados, que precisavam ser livres pelo interesse essencial de sondar sabiamente o real:

Caudwell, a meu ver, estava fazendo perguntas que precisavam ser feitas, e sua ambiguidade era uma ambiguidade frutífera. Ao recusar os fechamentos ortodoxos oferecidos pela teoria da reflexão, pelo modelo base/superestrutura e pela alocação da “economia” à base e das normas, ou cultura afetiva, à superestrutura, ele estava mantendo aberta uma porta para uma tradição mais criativa. (THOMPSON, 2025)

Assim, o texto sobre Caudwell foi, é, lembrete, descoberta, encruzilhada para seu tempo, nosso tempo. Provocações que alimentaram Thompson, e, agora, nos debruçamos em torno desse círculo de perspicácias sobre métodos, conteúdos e objetivos dos saberes, suas historicidades e montagens, tradições e recepções. Lendo e escrevendo a partir dessa narrativa, conjecturamos: Sobre quem ponderamos afinal? Caudwell? Thompson? Os dois?

O outro texto de Thompson presente na coletânea chama-se: *Compromisso na Poesia* – traduzido por Raul Victor Vieira Ávila de Agrela. E, assim, como na sua análise de Christopher Caudwell, somos convocados por E. P. Thompson a especular e indagar acerca de velhas e novas certezas que se reproduzem, somos mobilizados em procura de um (auto) conhecimento sobre amarras e intencionalidades: “Talvez devêssemos inverter a habitual questão, e perguntar, não sobre o compromisso da poesia com... seja qual for, mas sobre o compromisso das pessoas com a poesia”. (THOMPSON, 2025)

Momentos de reflexão que dizem respeito ao papel da experiência que se pensa no mundo em seu tempo e sobretudo como tais dimensões atuam sobre ela e como pode devolver ao mundo suas leituras e impressões, articulando com a própria experiência e aqueles que a precederam são contemporâneos ou os que virão.

Poesia como articulação de tempos de experiências de viver e mudar temporalidades e destinos. Poesia como enfrentamento e entendimento, simbolização do cotidiano da exploração, e desconstrução de ideologias e camadas de ilusões academicistas e intelectualoides, argumentando o que é o saber enquanto experiência que nasce dela e retorna a ela enriquecida, novamente, com esse tema chave thompsoniano na troca e elaboração de justiça e belezas coletivas no mundo.

Nesse sentido é que, falando da última contribuição da coletânea, e não menos importante, finalizamos essas reflexões sobre o Dossiê e acerca do saber historiográfico e poder político em construção. Fechamos, por hora, com o imprescindível e estimulante *Estudos do Comum no Brasil: Aportes Iniciais (Levantamento Bibliográfico comentado)* por Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro.

Com esse último texto, temos uma perspectiva multidisciplinar acerca do papel de leituras e escritas, produções e recepções do comum em nosso país. Foi feito, portanto, um pertinente levantamento de explicações do comum com suas possibilidades estudadas e vivenciadas em diversos prismas.

Uma multiplicidade de abordagens, mas reunidas, citadas e comentadas. Os autores o fazem em torno do combate às estruturas autoritárias e pela emancipação coletiva e dialógica em diversas facetas sempre necessariamente em construção e com participações múltiplas, e com a importante presença dos trabalhos e ideias de Thompson:

Para as contribuições arroladas da historiografia nacional, E. P. Thompson figura como uma referência fundamental, parecendo confirmar a possibilidade levantada por nosso artigo de construirmos uma “história do ponto de vista dos comuns” em diálogo com a obra de Thompson. (PINHEIRO, 2025)

Ao mesmo tempo que cumpre com excelência a missão de ser um ponto de partida com critérios e longo alcance em suas virtudes de mapeamento criativo e bem executado:

O levantamento a seguir não pretende ser uma lista exaustiva e completa sobre o tema, mas sim um esboço introdutório que possa auxiliar na elaboração de novas pesquisas voltadas para a temática. Nossa preocupação em organizar as produções sobre o comum por área do conhecimento pode ferir, em parte, o caráter fundamentalmente transdisciplinar do objeto; todavia, não o fazer seria, a nosso ver, de grande ingenuidade em face de saberes tão entrincheirados e segregados quanto os do meio intelectual brasileiro. Por fim, é importante ressaltar que sempre optamos por destacar a edição mais recente das obras arroladas. (PINHEIRO, 2025)

Tal levantamento generoso e fundamental possui, ao fim, considerações críticas gerais sobre as obras (livros, textos, produtos audiovisuais sobre os comuns).

Algo que faz parte do tratamento honroso, cheio de vida, efetivado em toda a revista, para tratar de E. P. Thompson. Chamar para conversar, indicar caminhos, sem arrogâncias, e sim, gerar outras visões e produções. Uma bela maneira de concluir esse dossiê tão interessado em instigar, investigar, indagar fenômenos e seus entendimentos de forma ética, gentil e compromissada como fez Thompson em toda a sua trajetória, para encerrar essa publicação oriunda de uma capacidade coletiva, crítica e fértil, reunida para ajudar novos saberes e investigações.

Um dossiê que inspira e transpira pelas ações de seus estudantes, docentes dedicados em tecer as páginas que seguem. Sujeitos do conhecimento comprometidos em explicar e mudar as coisas, ou, como diria outro libertário tão caro a nós: “amar e mudar as coisas interessa mais...” (BELCHIOR, 1976).

Assim, escrever sobre as escritas do dossiê, apresentá-las a vocês foi perceber e reforçar esses compromissos com os comuns, com nós mesmos, com a vida. Reforçar que amar e mudar deriva do que temos em comum, do que podemos ter como comunidades.

Demarcar posição nesse mundo de guerras eternas, sem futuro, do horror dia após dia, sem freios, projetos do absurdo por vis metais e abjetos preconceitos. Demarcar que outras histórias foram possíveis e outras estão sendo levantadas contra esse *show* de horrores.

Outras histórias de pessoas comuns, tidas como números ou irrelevantes, descartáveis. Outras histórias contra o juízo final engendrado e glamourizado por empresas capitalistas e líderes autoritários. Outras histórias contra esse tal de final da história.

Edward Thompson, portanto, segue conosco entre o fim dos tempos e outras histórias, posto que assim o queremos e porque sua voz ecoa firmemente entre nós, sua memória e o diálogo crítico com sua figura e obra. Posto que seguimos, de alguma forma também com ele, quando interpretando e atuando sobre o mundo, em mútuo aprendizado. Entendendo e vivendo o “comum”. Aprendendo e sonhando com novos velhos comuns. Tecendo comunidades, ideais e valores comunitários, o bem comum em construção diante de angústias incessantes, contudo em meio a reais solidariedades e conexões a partir das comunidades de historiadores, de interpretações, de ações políticas, como pessoas comuns

organizando e desorganizando na batida de canções e corações de experiências que não cabem nos destinos traçados por máquinas a serviço da exploração e vigilância.

Concluimos indicando que os debates continuarão a partir dessa coletânea e de um próximo volume. Chamamos para a adesão e a leitura do 2º volume da revista com artigos em torno de Edward Thompson, com sua publicação aguardada já para outubro.

Divulguem, participem! Dialoguemos. Centelhas cintilantes alumiam a escuridão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRELA, Raul. Brothers In Arms: Frank e Edward Thompson. *In: BILROS*, Fortaleza, Jan-Jun, 2025.

ALMEIDA, Rodrigo; JULIÃO, Saulo. Realismo Crítico e História - Ensaio sobre as convergências entre E. P. Thompson e Roy Bhaskar. *In: BILROS*, Fortaleza, Jan-Jun, 2025.

ALUCINAÇÃO. Intérprete: Belchior. Compositor: Belchior. *In: ALUCINAÇÃO*. Intérprete: Belchior. Rio de Janeiro: Phillips, 1976.

BASTOS, Romário. Os comuns, o passado e o futuro. *In: BILROS*, Fortaleza, Jan-Jun, 2025.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 1).

DA LAMA ao caos. Intérprete: Chico Science e Nação Zumbi. Compositor: Chico Science. *In: DA LAMA ao Caos*. Intérprete: Chico Science e Nação Zumbi. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994.

GALVÃO, Nágila. Experiência e Educação Libertadora: Contribuições de E. P. Thompson e Paulo Freire para o Ensino de História. *In: BILROS*, Fortaleza, Jan-Jun, 2025.

MONÓLOGO ao Pé de Ouvido”. Intérprete: Chico Science e Nação Zumbi. Compositor: Chico Science. *In: DA LAMA ao Caos*. Intérprete: Chico Science e Nação Zumbi. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994.

PINHEIRO, Francisco Felipe de Aguiar. Os Levantamento Bibliográfico dos Estudos do Comum no Brasil – Aportes Iniciais. *In: BILROS*, Fortaleza, Jan-Jun, 2025.

THOMPSON, Edward. Christopher Caudwell. *In: BILROS*, Fortaleza, Jan-Jun, 2025.

_____, Edward. Compromisso na Poesia. *In: BILROS*, Fortaleza, Jan-Jun, 2025.

Artigo recebido em julho de 2025. Aprovado em agosto de 2025.